



Editorial

*"O medo da mulher da violência do homem
é reflexo do medo do homem da mulher sem medo"*

Eduardo Galeano no documentário "Mais náufragos que navegantes"

Quando se trata de violência, e aqui especificamente violência cometida contra a mulher, sabemos que quanto mais isoladas estiverem as mulheres, mais elas estarão em situação de vulnerabilidade para as questões de violência de gênero. Por isso, a construção de Redes de Atendimento, sejam estas constituídas por redes de pessoas e/ou instituições, é fator primordial para o início do rompimento do ciclo da violência.

A Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência nasceu da necessidade de trabalhar o tema da violência de gênero dentro das comunidades religiosas que, tradicionalmente, legitimam esses atos por meio de uma cultura de fé patriarcal, ainda que a presença feminina seja majoritária nestes espaços.

Segundo o IBGE, mais de 5 milhões de mulheres seguem alguma tradição religiosa e estas, ao sofrerem algum tipo de violência, têm medo da culpabilização por parte da igreja ou não se sentem confortáveis para se abrirem sobre o ocorrido, talvez por causa do discurso machista e patriarcal deferido pelos líderes religiosos.

A participação ativa de religiosos e suas comunidades na rede de proteção às mulheres em situação de violência pode, além de promover uma incidência nas políticas públicas previstas na legislação brasileira, também estabelecer um canal de apoio, acolhida e orientação. Incluir as organizações que não trabalham especificamente com a problemática da violência contra a mulher, auxilia no apoio complementar de identificação e encaminhamento de casos.

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, em parceria com a Christian Aid, constrói, desde meados de 2013, a Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência buscando transformá-las em espaços de informação e prevenção da violência contra mulheres de diferentes faixas etárias

Se sua comunidade tem interesse em participar da Rede Religiosa de Proteção a Mulher Vítima de Violência, mande um email para redelreligiosadeprotecao@gmail.com.



Ponto de Vista

Rasgando o Véu (Mt 27. 50-51)

Por Elzira Caetano *

Diante da dor, do sofrimento e das injustiças, se faz necessário rasgar o véu. Esta é uma das atitudes e reflexões que a Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência nos desafia. É preciso tecer redes identificando os mais diversos tipos de violência contra mulher desde as objetivas até as subjetivas.

Há muito para repensar e reestruturar. Há muito para refletir, principalmente em relação as contextualizações históricas, em que o neoliberalismo percebe as relações de interação, proximidade, respeito e afeto somente pelo padrão da coisificação dos seres, apresentados pelas mais amplas e variadas formas de consumo. A mulher como objeto patriarcal somente existe a partir do seu valor de mercado que se dará da pele para fora mediante sua apresentação estética.

Em tempos de ostentação da riqueza, da beleza e legitimação do mercado religioso, a pauta da beleza e da estética também recai sobre a estética narcisista estereotipada feminina, desde que esta mantenha-se sempre calada e subjugada, conforme ordena o “bom” e velho machismo.

Partindo da forma de perceber a realidade e o mundo, para algumas mulheres evangélicas, possuir o padrão estético feminino ditado pela indústria midiática é possuir o passaporte para um casamento bem sucedido e uma vida abastada e isso por si só basta para a existência subjetiva da mulher. Esta lamentável forma de conceber a sociabilidade fere, no mínimo, um dos princípios básicos da vida espiritual e político-social entre os seres humanos: todos somos iguais, cada um com sua individualidade singular.

Se faz para ontem a real necessidade de fomentar o debate nos espaços religiosos uma vez que a violência contra mulher é uma herança da mitologia judaico cristã a qual passeia inebriada nos braços sedutores de uma teologia da moda, uma teologia atônita que vagueia no perigoso quintal do perverso neoliberalismo, o qual tem por principal função e prazer, a inversão dos valores humanos com a naturalização dissimulada das mais perversas formas de desigualdades e violências.

* Elzira Caetano é assistente social e membro da Igreja Batista de Videira, tem participado, desde o começo, da Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência



Elzira Caetano



Neste ano, a Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência realizou duas rodas de conversa com mulheres e homens de diferentes denominações de fé, para discutir o tema religião e violência contra a mulher. O primeiro encontro aconteceu no dia 29/3, na Paróquia Anglicana da Santíssima Trindade, em São Paulo – SP. No dia 16/4, ocorreu a segunda roda na Igreja Metodista da Vila Mariana, também em São Paulo - SP.

O terceiro encontro da Rede se deu no dia 31/5, novamente na Paróquia Anglicana, para discutir e planejar o trabalho em rede com os membros da empreitada.



Impressões



Ester Lisboa e Maria do Anjos

Maria dos Anjos - estudante de Serviço Social e voluntária no projeto Letras Que Libertam de KOINONIA.

Eu participei de duas Rodas de Conversa da Rede e ambas frutiferaram de maneira muito produtiva. Elas me deixaram mais motivada para continuar meu trabalho voluntário e meus estudos.

Fabiana Costa é espírita e secretária de Políticas para as Mulheres de Itaquaquecetuba, São Paulo - SP.

Na qualidade de espírita, gostaria muito de ver os meus pares envolvidos na discussão do importante tema da violência contra a mulher, e espero divulgar a Rede para que mais correntes religiosas possam participar desse diálogo. Acredito que crescerei muito como pessoa e como profissional através dessas rodas de conversa, pois os demais participantes são pessoas engajadas e de larga visão, de forma que será muito enriquecedor para minha história de vida me inspirar em outras boas experiências!



Vera de Castro e Fabiana Costa



Claudio Monteiro Jr. e Sandro Vichi

Claudio Monteiro Jr. é analista sociocultural no Núcleo Viva São Paulo Estudo de Violência Urbana.

A Rede está sendo tecida. A cada roda de conversa que ocorre me convenço mais de que o caminho é esse. A corresponsabilização das religiões, de modo especial as monoteístas ocidentais (judaísmo, cristianismo e islamismo) no enfrentamento à violência contra a mulher, é, no mínimo, o resgate de uma dívida histórica de alguns milênios.

Daniela Leão é advogada, metodista, mãe, esposa e socialista.

Participar das rodas para a tecelagem da Rede é sempre gratificante. A discussão sobre equidade de gêneros é mais do que urgente para a reconstrução da nossa sociedade que se encontra em colapso, minada por séculos de convivência com a opressão velada.

Meu desejo é que essa Rede seja tecida com o sentimento de afirmarmos nossas diferenças de crenças para promovermos a igualdade de gênero.



Daniela Leão e Amanda Freitas





Reflexão Teológica

Jesus e o papel dos cristãos e cristãs na valorização e proteção às mulheres

Por Fábio Martelozzo *

A religião, desde sua origem, tem sido usada como uma ferramenta ideológica de reafirmação da ordem social e do status-quo vigente. A classe sacerdotal, junto da nobreza e do exército, é, por excelência, classe dominante e exerce seu poder de dominação junto à comunidade dos fiéis. Na sociedade hebraica isto não poderia ter sido diferente e entre os aspectos da ordem social a serem reafirmados, o patriarcalismo e a sujeição da mulher à autoridade do homem são abordados nos textos religiosos. Entre os aspectos que buscam justificar a superioridade do homem sobre a mulher estão o fato da mulher ser considerada religiosamente impura. Uma série de elementos fisiológicos, como o parto (Lv 12) e a menstruação (Lv 15.19-30) eram usados como justificativa para tal impureza. Além da impureza religiosa, o relacionamento marital entre homem e mulher negava a ela qualquer forma de direito. Os pais deliberavam sobre os casamentos das filhas, a esposa tinha status de propriedade no clã e muitas vezes o estupro era suficiente como motivo para consumação do casamento, bastando o pagamento de dote, mesmo contra a vontade da mulher (Ex 22.16-17 e Dt 22.28-29).

Todavia, com Jesus o status da mulher na comunidade muda. Jesus eleva a dignidade da mulher, dando-lhe voz, garantindo seus direitos e reafirmando seu status de sujeito de seu próprio destino. O ministério de Jesus confronta as estruturas injustas da sociedade e a posição que mulher ocupa nela é um dos aspectos abordados por ele. Jesus resgata o status da mulher como digna de participar da adoração a Deus no episódio da mulher que sofria de hemorragia que o tocou (Mt 9.19-22), rejeitando a crença de que sua fisiologia tornava-a indigna. Colocou-a em pé de igualdade diante do homem no episódio da mulher samaritana junto ao poço de Jacó (Jo 4.1-18), além de diversas passagens nas quais diversas mulheres, entre elas Maria Madalena, assumem posição de importância e primazia na comunidade de fiéis. Porém, o ministério de Jesus teve grande relevância para a deslegitimação da violência cometida contra a mulher. Como atesta o episódio da mulher flagrada em adultério (Jo 8.1-11).

Conforme a tradição religiosa da época, a mulher deveria ser apedrejada, muito embora o homem que havia sido seu parceiro escapasse, de acordo com a tradição interpretativa dos textos do Pentateuco. Jesus confronta seus acusadores reafirmando a igualdade entre homem e mulher ao equiparar o pecado dos acusadores ao ato atribuído à mulher. Sendo iguais, como podem uns deliberar sobre a vida e o pecado da mulher? Sendo a mulher sujeito de sua própria vida, como podem os homens decidirem sobre ela como se fosse mercadoria ou posse? Jesus toma a mão da mulher que estava caída, em posição de sujeição, e a ajuda a colocar-se em pé, igualando-a aos homens que a acusavam. Jesus fala com ela e isenta-a da culpa e da condenação da lei patriarcal.

Ao denunciarmos a iniquidade da violência contra a mulher, ao abriremos nossas portas para acolher as mulheres vítimas de violência e ao colocarmos-nos em posição de serviço à disposição das mulheres vítimas de violência fornecendo auxílio e orientação na sua busca por direitos, seguimos os passos de Jesus e optamos pela libertação trazida por seu ministério, ao invés da reafirmação das tradições patriarcais que tanto oprimiram e diminuíram o valor das mulheres como imagem e semelhança do Criador.

* Fabio Martelozzo Mendes é leigo e membro da Igreja Metodista em Itaberaba (SP) e do GT de Comunicação da Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência



Fábio Martelozzo





Eu vivi



Alessandra Panduro

Eu vivo a Rede

Por Alessandra Panduro *

Eu cresci vivenciando a violência doméstica e achava normal até que a minha mãe desse um basta após treze anos de casamento. Isso fica inculcado no nosso comportamento e o reproduzimos na sociedade em que vivemos. Se não abrimos a boca em busca de uma sociedade inclusiva e igualitária para a mulher, viveremos como o ditado popular “quem cala consente”. Nós somos responsáveis pela criação de uma nova mentalidade.

A Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência é a plena certeza e convicção que essa voz nunca mais será calada. Ela me proporciona o casamento perfeito da minha religião e função pastoral com a preocupação social com as classes desfavorecidas.

Quantas mulheres estão agonizando sem esperanças por não terem apoio para compreendê-las e respeitá-las? Quantas vezes são caladas porque aprenderam que devem permanecer dessa maneira? Qual o legado que queremos deixar para as futuras gerações? Uma sociedade embasada na violência e desigualdade social? Ou isso é apenas responsabilidade governamental?

Eu faço parte da Rede porque ela visa formar lideranças de diferentes tradições religiosas em relações de gênero, para que estas incidam nas políticas públicas. A rede proporciona um diálogo entre os seus participantes com o intuito de incitá-los a formar e desenvolver ações de prevenção, acolhimento e acompanhamento de casos de mulheres vítimas de violência na sua comunidade local.

Muitas vezes, a religião é colocada como legitimadora nos casos de violência contra a mulher. Ela aceita essa violência em nome de Deus e isso é inaceitável para um evangelho libertador que proclamamos à sociedade. Por isso, somos desafiados a fazer mais. Nós temos a capacidade de sermos mais ativos e prestar cuidados e aconselhamentos através da construção de relações com a sociedade.

As mulheres vitimadas precisam encontrar um canal de apoio e de orientação nas comunidades religiosas. Todos e todas nós precisamos nos capacitar para melhor servir e servir com amor, excelência e dedicação. Somos uma sociedade livre, mas com muitas mulheres encarceradas que gemem por libertação. E qual é o melhor lugar para essas mulheres? Faça parte da Rede e descubra.

* Alessandra Panduro é seminarista da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e membro do GT de Gestão da Rede Religiosa de Proteção à Mulher Vítima de Violência



Claudio Monteiro, Alessandra Panduro e Anivaldo Padilha

Boletim produzido pelo Programa Saúde e Direitos de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Esta publicação divulga informações sobre saúde reprodutiva, educação sexual e direitos para diversas comunidades, em especial, comunidades religiosas.

Diretor Executivo: Rafael Soares de Oliveira

Assessora do Programa Saúde e Direitos: Ester Leite Lisboa

Revisão: Thiago Ansel e Natasha Arsenio **Redação:** Contribuidores

Diagramação: Clarisse Braga **Fotografia:** Sandro Eduardo Vichi



KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço - Rua Santo Amaro, 129, Glória, CEP 22211-230, Rio de Janeiro RJ - (21) 3042-6445; Rua Barão de Itapetininga, 120 sala 307, Centro, CEP 01042-000, São Paulo SP - (11) 3667-9570 - saudedireitos@koinonia.org.br

